

TAYLOR
JENKINS REID

Uma Vida
em Suspenso

«Comovente e poderoso...

Taylor Jenkins Reid agarra-se às amarras do coração e não as larga.
Um portentoso romance de estreia.»

Publishers Weekly



À Linda Morris
(por ler os policiais de uma menina de 12 anos)

E ao Alex Reid
(um homem por quem todo o mundo se deveria apaixonar)

Todas as manhãs, quando acordo, por uma fração de segundo esqueço-me de que já partiste e estendo o braço para te procurar. Tudo o que encontro é uma cama fria. Os meus olhos fixam-se na fotografia de nós dois em Paris, na mesa de cabeceira, e sinto-me imensamente grata por, mesmo que por pouco tempo, te ter amado e ter sido amada por ti.

Publicado no *Craigslist*, Chicago, 2009

PARTE UM

JUNHO

— Já decidiste se vais mudar de nome? — pergunta-me o Ben. Está do outro lado do sofá, a massajar-me os pés. É tão giro. Como raio é que arranjei alguém tão giro?

— Tenho pensado no assunto — provoco. Já pensei bastante, até. Esboço um sorriso.

— A sério? — pergunta ele.

Parece demasiado sexy para ser um marido. É novo, alto e forte. Tão perfeito. Pareço uma idiota. Mas é assim que deve ser, não é? Como recém-casada, é suposto vê-lo através de umas lentes cor-de-rosa.

— Estava a pensar mudar para Elsie Porter Ross — respondo. O Ben para de me massajar os pés por instantes.

— Isso é muito sexy — diz ele.

Rio-me.

— Porquê?

— Sei lá — responde, voltando a massajar-me os pés. — Acho que gosto da ideia de ver os nossos nomes juntos.

— Também gosto! — concordo. — É mesmo sexy.

— Eu disse-te!

— Então está decidido. Assim que receber a certidão de casamento, vou mandá-la para o IMT, ou para quem quer que trate disso.

— Fantástico — diz ele, soltando-me os pés. — Muito bem, Elsie Porter Ross. Agora é a minha vez.

Agarro os pés dele. Ficamos em silêncio por momentos, enquanto lhe massajo distraidamente os dedos dos pés por cima das meias. A minha mente divaga, e de repente chego a uma constatação surpreendente: estou com fome.

— Tens fome? — pergunto.

— Agora?

— Por alguma razão, apetece-me mesmo comer *Fruity Pebbles*.

— Não temos cereais aqui em casa? — pergunta o Ben.

— Não, até temos. Mas é que... quero *Fruity Pebbles*. — Só temos cereais para adultos em casa, daqueles castanhos enriquecidos com fibras.

— Bem, vamos comprar, então? De certeza que o CVS ainda está aberto e de certeza que vendem *Fruity Pebbles*. Ou, posso eu ir comprar-tos.

— Não! Não posso deixar-te fazer isso. Seria muito preguiçoso da minha parte.

— Seria muito preguiçoso da tua parte, mas és minha mulher e eu amo-te, e quero que tenhas o que desejas. — Ele começa a levantar-se.

— Não, a sério, não precisas de fazer isso.

— Eu vou.

O Ben sai da sala e regressa com a bicicleta e os sapatos.

— Obrigada! — digo, agora deitada no sofá, ocupando o espaço que ele acabou de abandonar. O Ben sorri-me, abre a porta e sai com a bicicleta. Ouço-o pôr o descanso e sei que voltará para se despedir.

— Amo-te, Elsie Porter Ross — diz ele, enquanto se inclina para o sofá para me beijar. Está de capacete e luvas, e sorri-me. — Gosto mesmo de como soa.

Esboço um enorme sorriso.

— Amo-te! Obrigada.

— De nada. Amo-te! Já volto. — Ele fecha a porta atrás de si.

Apoio melhor a cabeça e pego num livro, mas não me consigo concentrar. Sinto falta dele. Passam vinte minutos e começo a esperar que ele chegue a casa, mas a porta não se abre. Não ouço ninguém nas escadas.

Passados trinta minutos, ligo para o telemóvel dele. Não atende. A minha mente começa a disparar com possibilidades. São todas rebuscadas e absurdas. Conheceu outra pessoa. Parou num clube de *strip*. Ligo-lhe outra vez, enquanto o meu cérebro começa a pensar em razões mais realistas para ele estar atrasado, razões plausíveis e, por isso, muito mais aterrorizadoras. Quando ele não volta a atender, levanto-me do sofá e vou lá fora.

Não sei bem o que espero encontrar, mas percorro a rua com o olhar, de uma ponta à outra, à procura de qualquer sinal dele. Será loucura achar que lhe pode ter acontecido alguma coisa? Não consigo decidir. Tento manter a calma e digo a mim mesma que ele deve estar apenas preso num engarrafamento qualquer de onde não consegue sair, ou que talvez se tenha cruzado com um velho amigo. Os minutos começam a abrandar. Parecem horas. Cada segundo que passa é insuportavelmente longo.

Sirenes.

Consigo ouvir sirenes a vir na minha direção. Consigo ver as suas luzes intermitentes mesmo por cima dos telhados da minha rua. Os seus alarmes estridentes parecem estar a chamar por mim. Consigo ouvir o meu nome no seu lamento repetitivo: *El-sie. El-sie.*

Começo a correr. Quando chego ao fim da rua, sinto quão gelado é o cimento por baixo dos meus pés. As minhas calças de fato de treino finas não me protegem do vento, mas continuo a correr até encontrar a origem do som.

Vejo duas ambulâncias e um camião dos bombeiros. Há alguns carros-patrolha a isolar a área. Corro o mais que posso para o meio da confusão antes de me deter. Alguém está a ser levantado para uma maca. Há um enorme camião de mudanças tombado na berma da estrada. As janelas estão partidas, rodeadas de estilhaços. Olho atentamente para o camião, tentando perceber o que aconteceu. É então que percebo que não é só vidro. A estrada está coberta de pequenos fragmentos de outra coisa qualquer. Aproximo-me e vejo um aos meus pés. É um *Fruity Pebble*. Procuo na zona a única

coisa que rezo para não encontrar, e vejo-a. Mesmo à minha frente — como é que me escapou? —, meio enfiada debaixo do caminhão de mudanças, está a bicicleta do Ben. Retorcida e desfeita.

O mundo fica em silêncio. As sirenes param. A cidade para. O meu coração começa a bater tão depressa que me dói no peito. Consigo sentir o sangue a latejar no cérebro. Está tanto calor aqui fora. Quando é que ficou tanto calor aqui fora? Não consigo respirar. Acho que não consigo respirar. Não estou a respirar.

Só percebo que estou a correr quando chego às portas da ambulância. Começo a bater nelas. Salto repetidamente enquanto tento bater no vidro, que está demasiado alto para o alcançar. Enquanto o faço, tudo o que ouço é o som dos *Fruity Pebbles* a serem esmagados debaixo dos meus pés. Trituro-os contra o pavimento de cada vez que salto. Desfaço-os em milhões de pedaços.

A ambulância arranca. Ele está lá dentro? O Ben está ali? Estão a mantê-lo vivo? Ele está bem? Terá apenas alguns hematomas? Se calhar está na ambulância porque o protocolo obriga a isso, mas na verdade está bem. Talvez esteja em algum lugar por aqui. Talvez quem esteja na ambulância seja o condutor. Esse tipo deve estar morto, certo? É impossível aquela pessoa ter sobrevivido. Por isso, o Ben deve estar bem. É o *karma* de um acidente: o culpado morre, o inocente sobrevive.

Viro-me e olho em volta, mas não vejo o Ben em lado nenhum. Começo a gritar o nome dele. Sei que está bem. Tenho a certeza. Só preciso que isto acabe. Só quero vê-lo com um pequeno arranhão e que me digam que pode ir para casa. Vamos para casa, Ben. Aprendi a lição, nunca mais te deixo fazer um favor tão estúpido por mim. Aprendi a lição; vamos para casa.

— *Ben!* — grito para a noite. Está tanto frio. Quando foi que arrefeceu tanto? — *Ben!* — grito de novo. Sinto que estou a correr em círculos até ser travada por um polícia.

— Minha senhora — diz ele, enquanto me agarra os braços. Continuo a gritar. O Ben precisa de me ouvir. Precisa de saber

que estou aqui. Precisa de saber que está na hora de irmos para casa. — Minha senhora — chama o agente novamente.

— *O que foi?* — grito-lhe na cara. Liberto os braços do seu aperto com um encontrão e dou meia-volta. Tento correr através do que é claramente uma zona isolada. Sei que quem quer que a tenha delimitado ia querer deixar-me passar. Compreenderiam que só preciso de encontrar o meu marido.

O polícia alcança-me e agarra-me uma vez mais.

— Minha senhora! — diz ele, desta vez com mais rispidez. — Não pode estar aqui agora. — Será que ele não percebe que este é exatamente o sítio onde eu *tenho* de estar agora?

— Preciso de encontrar o meu marido! — respondo. — Ele pode estar ferido. Aquela é a bicicleta dele. Tenho de o encontrar.

— Minha senhora, levaram o seu marido para o Cedars-Sinai. Tem como ir para lá?

Os meus olhos estão fixos no rosto dele, mas não compreendo o que me está a dizer.

— Onde é que ele está? — pergunto. Preciso que mo diga outra vez. Não compreendo.

— Minha senhora, o seu marido está a caminho do Hospital Cedars-Sinai. Quer que eu a leve?

Ele não está aqui?, penso. *Ele estava naquela ambulância?*

— Ele está bem?

— Minha senhora, eu não posso...

— *Ele está bem?*

O agente olha para mim. Tira o chapéu da cabeça e encosta-o ao peito. Sei o que isto significa. Já o vi ser feito à porta de viúvas de guerra em filmes de época. Como se fosse a minha deixa, começo a ter fortes convulsões de choro.

— Preciso de o ver! — grito por entre as lágrimas. — Preciso de o ver! Preciso de estar com ele! — Caio de joelhos no meio da estrada, com os cereais a estalarem debaixo de mim. — Ele está bem? Eu devia estar com ele. Diga-me só se ainda está vivo.

O polícia olha para mim com pena e culpa. Nunca tinha visto estes dois olhares juntos, mas é fácil de reconhecer.

— Minha senhora. Lamento imenso. O seu marido...

O agente não tem pressa; não está a transbordar de adrenalina como eu. Sabe que já não há razão para ter pressa. Sabe que o corpo morto do meu marido pode esperar.

Não o deixo acabar a frase. Sei o que vai dizer e não consigo acreditar. Não vou acreditar. Grito com ele, esmurrando-lhe o peito com os punhos. Ele é um homem enorme, com pelo menos um metro e noventa e cinco, e muito maior do que eu. Sinto-me como uma criança. Mas isso não me detém. Continuo a debater-me e a bater-lhe. Quero esbofeteá-lo. Quero dar-lhe pontapés. Quero fazê-lo sofrer como eu estou a sofrer.

— Ele teve morte imediata no impacto. Lamento imenso.

É nesse momento que caio no chão. Tudo começa a andar à roda. Consigo ouvir a minha pulsação, mas não me consigo concentrar no que o polícia está a dizer. Eu não achava mesmo que isto ia acontecer. Pensava que as coisas más só aconteciam a pessoas presunçosas, com excesso de orgulho. Não a pessoas como eu, pessoas que sabem quão frágil a vida é, pessoas que respeitam a autoridade de um poder superior. Mas aconteceu. Aconteceu-me a mim.

O meu corpo acalma-se. Os meus olhos secam. O meu rosto gela e o meu olhar fixa-se num andaime e por lá fica. Sinto os braços entorpecidos. Não tenho a certeza se estou de pé ou sentada.

— O que aconteceu ao condutor? — pergunto ao agente, calma e composta.

— Peço desculpa?

— O que aconteceu à pessoa que conduzia o camião de mudanças?

— Faleceu, minha senhora.

— Ainda bem — respondo. O agente apenas acena com a cabeça, indicando talvez um contrato tácito de que fingirá que não

me ouviu dizer aquilo, e eu posso fingir que não desejo a morte de outra pessoa. Mas não quero retirar o que disse.

Ele agarra-me na mão e leva-me para o banco da frente do carro-patrulha. Liga a sirene para abrir caminho pelo trânsito e eu vejo as ruas de Los Angeles em *fast-forward*. Nunca pareceram tão feias.

Quando chegamos ao hospital, o agente senta-me na sala de espera. Estou a tremer tanto que a cadeira treme comigo.

— Eu preciso de ir para lá — digo-lhe. — Eu preciso de ir para lá! — grito mais alto. Reparo na sua placa de identificação. Agente Hernandez.

— Compreendo. Vou tentar obter todas as informações que conseguir. Creio que lhe será atribuído um assistente social. Volto já.

Consigo ouvi-lo falar, mas não consigo obrigar-me a reagir ou a reconhecer a sua presença. Limito-me a ficar sentada na cadeira e a fixar o olhar na parede oposta. Sinto a cabeça baloiçar de um lado para o outro. Sinto-me levantar e caminhar em direção ao balcão de enfermagem, mas sou intercetada pelo regresso do Agente Hernandez. Vem acompanhado por um homem baixo, de meia-idade. O homem tem uma camisa azul e uma gravata vermelha. Aposto que o idiota lhe chama a sua gravata do poder. Aposto que acha que tem um dia bom quando usa esta gravata.

— Elsie — começa ele. Devo ter dito o meu nome ao Agente Hernandez. Nem sequer me lembro de o ter feito. Ele estende a mão como se eu fosse apertá-la. Não vejo necessidade de formalidades no meio de uma tragédia. Deixo-a ficar pendurada. Antes de tudo isto, eu nunca rejeitaria o aperto de mão de ninguém. Sou uma pessoa simpática. Às vezes até demasiado permissiva. Não sou alguém considerada «difícil» ou «rebelde». — A senhora é a mulher do Ben Ross? Tem o seu cartão de cidadão consigo? — pergunta-me o homem.

— Não. Eu... saí de casa a correr. Não... — Olho para baixo, para os pés. Nem sequer tenho sapatos calçados e este homem acha que trago o meu documento de identificação?

O Agente Hernandez vai-se embora. Vejo-o afastar-se lentamente, de forma desajeitada. De certeza que sente que o seu trabalho aqui terminou. Quem me dera ser ele. Quem me dera poder afastar-me disto e ir para casa. Iria para casa, para o meu marido e uma cama quente. O meu marido, uma cama quente e a merda de uma tigela de *Fruity Pebbles*.

— Receio que ainda não possamos deixá-la entrar, Elsie — diz o homem da gravata vermelha.

— Porque não?

— Os médicos estão a trabalhar.

— Ele está *vivo*? — grito. Com que rapidez a esperança consegue regressar em força.

— Não, lamento imenso. — Ele abana a cabeça. — O seu marido faleceu ao início da noite. Estava registado como dador de órgãos.

Sinto-me como se estivesse num elevador em queda livre em direção ao rés-do-chão. Estão a tirar pedaços dele e a dar a outras pessoas. Estão a levar partes do Ben.

Volto a sentar-me na cadeira, morta por dentro. Parte de mim quer gritar com este homem para que me deixe entrar. Para que me deixe vê-lo. Quero correr pelas portas duplas e encontrá-lo, poder abraçá-lo. O que é que lhe estão a fazer? Mas estou gelada. E morta, também.

O homem da gravata vermelha sai por breves instantes e regressa com um chocolate quente e uns chinelos. Tenho os olhos secos e cansados. Mal consigo ver através deles. Todos os meus sentidos parecem abafados. Sinto-me presa no meu próprio corpo, separada de todos à minha volta.

— Tem alguém a quem possamos ligar? Os seus pais?

Abano a cabeça.

— Ana — digo. — Devia ligar à Ana.

Ele pousa a mão no meu ombro.

— Pode escrever o número da Ana? Eu ligo-lhe.

Anuo e ele entrega-me um pedaço de papel e uma caneta. Demoro um minuto a lembrar-me do número dela. Escrevo-o mal algumas vezes antes de o escrever corretamente, mas tenho quase a certeza de que, quando lhe entrego o papel, o número está certo.

— E o Ben? — pergunto. Não sei exatamente o que quero dizer. Eu só... ainda não consigo desistir. Ainda não consigo estar na fase de «liguem a alguém para a levar para casa e ficar de olho nela». Temos de lutar contra isto, não é? Tenho de o encontrar e salvá-lo. Como é que posso encontrá-lo e salvá-lo?

— Os enfermeiros já ligaram aos familiares mais próximos.

— O quê? Eu sou a familiar mais próxima dele.

— Ao que parece, a carta de condução do seu marido indicava uma morada em Orange County. Tivemos de notificar legalmente a família.

— Então para quem ligaram? Quem é que vem a caminho?
— Mas eu já sei quem vem.

— Vou ver se consigo descobrir. Vou telefonar à Ana. Volto num instante, está bem?

Anuo.

Neste átrio, consigo ver e ouvir outras famílias à espera. Algumas parecem sombrias, mas a maioria parece estar bem. Há uma mãe com a sua filha pequena. Estão a ler um livro. Há um rapazinho a segurar um saco de gelo contra o rosto, ao lado de um pai que parece irritado. Há um casal de adolescentes de mãos dadas. Não sei porque estão aqui, mas, a julgar pelos sorrisos e pela forma como estão a namorar, só posso presumir que não seja nada grave e eu... eu quero gritar com eles. Quero dizer-lhes que a sala de urgências é para emergências e que não deviam estar aqui se é para terem um ar feliz e despreocupado. Quero dizer-lhes para irem para casa e serem felizes noutra sítio qualquer, porque eu não preciso de ver aquilo. Já não me lembro de como é ser como eles. Nem sequer me lembro de como era ser eu própria antes de isto acontecer. Tudo o que tenho é esta sensação avassaladora de pavor.

Isso e a minha raiva contra estes dois merdas, que não tiram os sorrisos da minha frente.

Odeio-os e odeio as malditas enfermeiras, que continuam com o seu dia como se não fosse o pior das vidas delas. Fazem chamadas, tiram fotocópias e bebem café. Odeio-as por serem capazes de beber café num momento como este. Odeio toda a gente neste hospital inteiro por não estar num estado miserável.

O homem da gravata vermelha regressa e diz que a Ana está a caminho. Oferece-se para se sentar e esperar comigo. Encolho os ombros. Ele pode fazer o que quiser. A sua presença não me traz consolo algum, mas impede-me de correr para alguém e começar aos gritos por estarem a comer um chocolate num momento destes. A minha mente regressa aos *Fruity Pebbles* espalhados pela estrada, e sei que estarão lá quando regressar a casa. Sei que ninguém os terá limpado, porque ninguém poderia imaginar quão horrível seria olhar para eles outra vez. Depois penso na razão estúpida que levou à morte do Ben. Ele morreu por causa de *Fruity Pebbles*. Seria engraçado se não fosse tão... Nunca será engraçado. Nada disto tem graça. Nem o facto de eu ter perdido o meu marido porque tive um desejo de cereais infantis baseados nos desenhos animados dos *Flintstones*. Odeio-me por isto. É de mim que tenho mais ódio.

A Ana aparece num turbilhão de pânico. Não sei o que o homem da gravata vermelha lhe disse. Ele levanta-se para a cumprimentar enquanto ela corre na minha direção. Consigo vê-los a falar, mas não os ouço. Falam apenas por um segundo antes de ela correr para o meu lado e me rodear com os braços. Deixo os seus braços caírem onde ela os põe, mas não tenho energia para retribuir. É um abraço de «peixe morto». Ela sussurra «Lamento imenso» ao meu ouvido, e eu desmorono-me nos braços dela.

Não tenho vontade de me aguentar de pé, nem desejo de esconder a minha dor. Dou urros de agonia na sala de espera. Solução e arquejo contra o peito dela. Em qualquer outro momento da minha vida, afastaria a cabeça daquela parte do seu corpo.

Sentir-me-ia desconfortável por ter os olhos e os lábios tão perto de uma parte sexual, mas, neste momento, o sexo parece trivial e estúpido. Parece algo que os idiotas fazem por tédio. Aqueles adolescentes felizes provavelmente fazem-no por desporto.

Os braços dela à minha volta não me confortam. As lágrimas brotam-me dos olhos como se eu as estivesse a forçar a sair, mas não estou. Estão apenas a cair por si mesmas. Nem sequer me sinto triste. Este nível de devastação está tão além das lágrimas, que as minhas parecem insignificantes e ridículas.

— Já o viste, Elsie? Lamento imenso.

Não respondo. Ficamos sentadas no chão da sala de espera durante o que parecem ser horas. Às vezes gemo de agonia, outras vezes não sinto nada. Na maior parte do tempo, fico nos braços da Ana, não porque precise, mas porque não quero encará-la. Finalmente, ela levanta-se, encosta-me à parede, caminha até ao balcão de enfermagem e começa a gritar.

— Quanto tempo mais falta para podermos ver o Ben Ross?
— grita ela à jovem enfermeira latina sentada ao computador.

— Minha senhora — diz a enfermeira, levantando-se, mas a Ana afasta-se dela.

— Não me venha com o «minha senhora». Diga-me onde é que ele está. Deixe-nos passar.

O homem da gravata vermelha dirige-se a ela e tenta acalmá-la. Ele e a Ana falam durante alguns minutos. Vejo-o tentar tocar na Ana, para a consolar, e ela desvia o ombro para fora do seu alcance com um solavanco. Ele está apenas a fazer o seu trabalho. Toda a gente aqui está apenas a fazer o seu trabalho. Que bando de imbecis.

Vejo uma mulher mais velha entrar apressadamente pelas portas principais. Parece ter cerca de 60 anos, com o cabelo comprido, de um castanho-avermelhado, a cair em ondas à volta do rosto. Tem rímel a escorrer pelas bochechas, uma mala castanha ao ombro e um xaile castanho-escuro cruzado sobre o peito.

Traz lenços de papel nas mãos. Quem me dera que o meu luto fosse suficientemente composto para ter lenços. Tenho andado a limpar o ranho às mangas e ao decote da camisola. Tenho deixado as lágrimas cair em poças no chão.

Ela corre até ao balcão da receção e depois conforma-se em sentar-se. Quando se vira para mim por um breve instante, sei exatamente quem é. Fico a olhar fixamente para ela. Não consigo tirar-lhe os olhos de cima. É a minha sogra, uma estranha a todos os níveis. Vi a fotografia dela algumas vezes num álbum, mas sei que ela nunca viu o meu rosto.

Afasto-me dali e dirijo-me à casa de banho. Não sei como me apresentar. Não sei como lhe dizer que estamos ambas aqui pelo mesmo homem. Que estamos as duas a sofrer a mesma perda. Ponho-me à frente do espelho e olho para mim. Tenho o rosto vermelho e manchado. Os olhos injetados de sangue. Observo a minha cara e penso que havia alguém que amava este rosto. E agora, partiu. Agora já ninguém ama o meu rosto.

Saio da casa de banho e ela já não está lá. Volto-me e encontro a Ana a agarrar-me no braço.

— Podes entrar — diz ela, e leva-me até ao homem da gravata vermelha, que me conduz pelas portas duplas.

O homem da gravata vermelha para à porta de um quarto e pergunta-me se quero que ele entre comigo. Porque haveria eu de querer que ele entrasse comigo? Acabei de conhecer este homem. Este homem não significa nada para mim. O homem dentro deste quarto significa tudo para mim. O «nada» não vai ajudar na perda do «tudo». Abro a porta e estão outras pessoas lá dentro, mas tudo o que consigo ver é o corpo do Ben.

— Com licença! — diz a minha sogra por entre as lágrimas. É um tom dócil, mas aterrador. Ignoro-a.

Agarro o rosto dele entre as minhas mãos e está frio ao toque. As pálpebras estão fechadas. Nunca mais voltarei a ver os seus olhos. Ocorre-me que podem já não estar lá. Não consigo olhar.

Não quero descobrir. O rosto dele tem hematomas e não sei o que isso significa. Será que se magoou antes de morrer? Terá morrido ali sozinho e desamparado na rua? Oh, meu Deus, terá ele sofrido? Sinto que vou desmaiar. Há um lençol sobre o seu peito e pernas. Tenho medo de mexer no lençol. Tenho medo de que haja demasiado do Ben exposto, demasiado dele para ver. Ou que haja demasiado dele que já tenha partido.

— Segurança! — chama ela para o ar.

Enquanto me agarro à mão do Ben e um segurança aparece à porta, olho para a minha sogra. Ela não tem razões para saber quem sou. Não tem razões para compreender o que estou aqui a fazer, mas tem de saber que eu amo o filho dela. Isso, pelo menos, tem de ser óbvio.

— Por favor — imploro-lhe. — Por favor, Susan, não faça isto.

A Susan olha para mim com curiosidade, confusa. Pelo simples facto de eu saber o nome dela, percebe que lhe deve estar a escapar alguma coisa. Com um gesto muito subtil, acena com a cabeça e olha para o segurança.

— Peço desculpa. Pode dar-nos um segundo? — Ele sai do quarto e a Susan olha para a enfermeira. — A senhora também. Obrigada. — A enfermeira sai do quarto, fechando a porta.

A Susan parece torturada, aterrada e, ainda assim, composta, como se tivesse apenas a serenidade necessária para aguentar os próximos cinco segundos antes de se desmoronar.

— A mão dele tem uma aliança — diz-me. Fico a olhar para ela e tento continuar a respirar. Levanto docilmente a mão esquerda para corresponder à dele.

— Casámo-nos há uma semana e meia — digo por entre as lágrimas. Sinto os cantos dos lábios a curvarem-se para baixo. Parecem tão pesados.

— Como é que se chama? — pergunta-me ela, agora a tremer.

— Elsie — respondo. Tenho pavor dela. Parece zangada e vulnerável, como uma adolescente fugida de casa.

— Elsie quê? — engasga-se a mulher.

— Elsie Ross.

É nesse momento que ela quebra. Quebra tal como eu quebrei. Pouco depois, está no chão. Já não há lenços de papel à vista para salvar o linóleo das suas lágrimas.

A Ana está sentada ao meu lado, a segurar-me na mão. Eu estou sentada ao lado do Ben, a soluçar. A Susan retirou-se há algum tempo. O homem da gravata vermelha entra e diz que precisamos de resolver algumas coisas e que o corpo do Ben tem de ser transferido. Limito-me a olhar fixamente em frente, sem sequer me focar no que está a acontecer, até que o homem da gravata vermelha me entrega um saco com os pertences do Ben. O telemóvel dele está lá, a carteira, as chaves.

— O que é isto? — pergunto, embora saiba bem o que é.

Antes que o homem da gravata vermelha possa responder, a Susan aparece à porta. O rosto dela está tenso; os olhos injetados de sangue. Parece mais velha do que quando saiu. Parece exausta. Será que eu estou assim? Aposto que sim.

— O que está a fazer? — pergunta a Susan ao homem.

— Eu estou... Precisamos de libertar o quarto. O corpo do seu filho vai ser transferido.

— Porque é que lhe está a dar isso a ela? — diz a Susan, de forma mais direta. Di-lo como se eu nem estivesse aqui.

— Como?

A Susan dá um passo para dentro da divisão e tira o saco com as coisas do Ben da minha frente.

— Todas as decisões sobre o Ben, todos os pertences dele, devem ser dirigidos a mim — diz ela.

— Minha senhora — diz o homem da gravata vermelha.

— Tudo — diz ela.

A Ana levanta-se e agarra-me para ir com ela. A sua intenção é remover-me desta situação e, embora eu não queira estar aqui agora, não posso simplesmente ser removida. Puxo o braço, soltando-o da mão da Ana, e olho para a Susan.

— Podemos discutir entre nós quais são os próximos passos?
— pergunto-lhe.

— O que é que há para discutir? — indaga a Susan. Está fria e controlada.

— Eu só quero dizer... — Na verdade, não sei o que quero dizer.

— Sra. Ross — diz o homem da gravata vermelha.

— Sim? — Eu e a Susan respondemos ao mesmo tempo.

— Peço desculpa — digo eu. — A qual de nós se referia?

— À mais velha — diz ele, olhando para a Susan. Tenho a certeza de que o disse como um sinal de respeito, mas aquilo destruiu-a por completo.

— Não vou dar mais crédito a isto — diz então a mulher, dirigindo-se a todos os presentes na divisão. — Esta rapariga não tem prova absolutamente nenhuma de que o meu filho sequer a conhecia, quanto mais de que se casou com ela. Nunca ouvi falar dela! O meu próprio filho. Estive com ele no mês passado. Ele nunca mencionou coisa nenhuma. Portanto, não, não vou deixar que os pertences do meu filho vão para casa com uma estranha. Não o admito.

A Ana estende a mão em direção à Susan.

— Talvez seja altura de todos darmos um passo atrás — diz ela.

A Susan vira a cabeça, como se estivesse a notar a presença da Ana pela primeira vez.

— Quem é a senhora? — pergunta ela. Pergunta-o como se fôssemos palhaços a sair de um *Volkswagen*.

— Sou uma amiga — diz a Ana. — E não creio que nenhuma de nós esteja em condições de se comportar racionalmente, por isso, talvez se pudéssemos apenas respirar...

A Susan vira-se para o homem da gravata vermelha, interrompendo a Ana a meio da frase com a sua linguagem corporal.

— Eu e o senhor precisamos de discutir isto em privado — grita-lhe ela.

— Minha senhora, por favor, acalme-se.

— Acalmar-me? Só pode estar a brincar!

— Susan... — começa a dizer. Não sei como planeava terminar, mas a Susan não quer saber de nada.

— Pare — diz ela, pondo a mão à frente do meu rosto. É agressivo e instintivo, como se precisasse de proteger o rosto das minhas palavras.

— Minha senhora, a Elsie foi escoltada pela polícia. Estava no local. Não tenho razões para duvidar de que ela e o seu filho fossem o que ela diz...

— Casados? — A Susan está incrédula.

— Sim — responde o homem da gravata vermelha.

— Ligue para o Registo Civil! Quero ver o registo!

— Elsie, tem uma cópia da certidão de casamento que possa mostrar à Sra. Ross?

Sinto-me encolher à frente deles. Não me quero encolher. Quero manter-me firme. Quero estar orgulhosa, confiante. Mas tudo isto é demasiado, e eu não tenho nada para mostrar.

— Não, mas, Susan... — digo, enquanto as lágrimas me escorrem pelo rosto. Sinto-me tão feia agora, tão pequena e estúpida.

— *Pare de me chamar isso!* — grita ela. — Você nem sequer me conhece. Pare de me chamar pelo nome!

— Certo — respondo. Os meus olhos estão fixos em frente, focados no corpo na divisão. O corpo do meu marido. — Fique com tudo — digo. — Não quero saber. Podemos ficar aqui sentadas a gritar o dia todo, mas isso não muda nada. Por isso, estou-me a lixar para onde vai a carteira dele.

Ponho um pé à frente do outro e saio. Deixo o corpo do meu marido ali com ela. E, no minuto em que os meus pés tocam o corredor, no minuto em que a Ana fecha a porta atrás de nós, arrependo-me de ter saído. Devia ter ficado com ele até a enfermeira me expulsar.

A Ana empurra-me para a frente.

Mete-me no carro. Prende-me o cinto de segurança. Conduz devagar pela cidade. Estaciona à porta da minha casa. Não me lembro de nada disso ter acontecido. De repente, estou à minha porta.

Quando entro no apartamento, não faço ideia de que horas são. Não tenho noção de quanto tempo passou desde que estive sentada no sofá, de pijama, como uma cabra convencida, a choraminger por cereais.

Este apartamento, que eu tanto amei desde que me mudei para cá, aquele que passei a considerar «nosso» quando o Ben veio morar comigo, agora traiçoa-me. Não se mexeu um milímetro desde que o Ben morreu. É como se não quisesse saber.

Não arrumou os sapatos dele que estão no meio do chão. Não dobrou a manta que ele estava a usar. Nem sequer teve a decência de esconder a escova de dentes do Ben da minha vista. Este apartamento está a agir como se nada tivesse mudado. Tudo mudou. Digo às paredes que ele partiu.

— Ele morreu. Não vai voltar para casa.

— Eu sei, querida. Eu sei — responde a Ana, enquanto me esfrega as costas.

Ela não sabe. Nunca poderia saber. Caminho descuidadamente para o meu quarto, bato com o ombro na dobradiça da porta e não sinto nada. Deito-me do meu lado da cama e ainda consigo sentir o cheiro dele. O Ben ainda está aqui, nos lençóis. Agarro na almofada do lado dele da cama e cheiro-a, sufocando nas minhas próprias lágrimas. Vou até à cozinha enquanto a Ana me serve um copo de água. Passo por ela com a almofada na mão, agarro

num saco do lixo e enfio a almofada lá dentro. Ato-o com força, dando nós no plástico repetidamente até se rasgar na minha mão e cair no chão da cozinha.

— O que estás a fazer? — pergunta ela.

— Cheira ao Ben — respondo. — Não quero que o cheiro se evapore. Quero guardá-lo.

— Não sei se isso vai funcionar — diz ela com delicadeza.

— Vai-te foder — grito, e volto para a cama.

Começo a chorar no minuto em que a minha cabeça toca na almofada. Odeio aquilo em que isto me tornou. Nunca tinha mandado ninguém foder-se antes, muito menos a Ana.

A Ana é a minha melhor amiga desde que eu tinha 17 anos. Conhecemo-nos no primeiro dia da faculdade, na fila da cantina. Eu não tinha ninguém com quem me sentar, e ela já estava a tentar evitar um rapaz. Foi um momento revelador para ambas. Quando ela decidiu mudar-se para Los Angeles para ser atriz, vim com ela. Não porque tivesse alguma afinidade com a cidade — nunca cá tinha estado — mas porque tinha uma afinidade tão forte com ela. A Ana tinha-me dito: «Anda lá, podes ser bibliotecária em qualquer lado.» E tinha toda a razão.

Aqui estávamos nós, nove anos depois de nos termos conhecido, com ela a vigiar-me como se eu fosse cortar os pulsos. Se eu estivesse mais senhora dos meus sentidos, diria que esta é a verdadeira essência da amizade, mas não quero saber disso agora. Não quero saber de nada.

A Ana entra com dois comprimidos e um copo de água.

— Encontrei isto no teu armário dos medicamentos — diz ela. Olho para a mão dela e reconheço-os. É *Vicodin*, de quando o Ben teve um espasmo nas costas no mês passado. Ele quase não tomou nenhum. Acho que pensava que tomá-los fazia dele um fraco.

Tiro-os da mão dela sem questionar e engulo-os.

— Obrigada — agradeço. A Ana aconchega-me o edredão e vai dormir para o sofá. Fico contente por não tentar dormir na

cama comigo. Não quero que afaste o cheiro dele. Tenho os olhos secos de tanto chorar, os membros fracos, mas o meu cérebro precisa do *Vicodin* para apagar. Arrasto-me para o lado da cama do Ben à medida que fico grogue e adormeço.

— Amo-te — digo, e, pela primeira vez, não há ninguém para ouvir.

Acordo com a sensação de estar de ressaca. Estendo a mão para agarrar na do Ben, como faço todas as manhãs, mas o lado dele da cama está vazio. Durante um minuto, penso que deve estar na casa de banho ou a preparar o pequeno-almoço, e depois, lembro-me. A minha devastação regressa, desta vez mais baça e mais espessa, cobrindo o meu corpo como um manto, afundando-me o coração como uma pedra.

Levo as mãos ao rosto e tento limpar as lágrimas, mas brotam de mim demasiado depressa para as conseguir acompanhar. É como uma cascata de miséria.

A Ana entra com um pano de cozinha nas mãos, a secá-las.

— Já acordaste — diz ela, surpreendida.

— Que observadora. — Porque estou a ser tão má? Eu não sou uma pessoa má. Não é isto que eu sou.

— A Susan ligou. — Ela ignora as minhas explosões e, por isso, fico grata.

— O que é que disse? — Sento-me e agarro o copo de água que ficou na mesa de cabeceira desde a noite passada. — O que é que ela poderia querer de mim?

— Não disse nada. Apenas para lhe ligares.

— Ótimo.

— Deixei o número na porta do frigorífico. Caso queiras telefonar-lhe.

— Obrigada. — Bebo um gole de água e levanto-me.

— Tenho de ir passear o *Bugsy* e volto já — diz a Ana. O *Bugsy* é o seu buldogue inglês e baba-se por todo o lado. Sinto vontade de lhe dizer que o *Bugsy* não precisa de sair porque o *Bugsy* é um monte de merda preguiçoso, mas não digo nada

disto porque quero mesmo, mesmo muito parar de ser tão indelicada.

— Está bem.

— Queres alguma coisa da rua? — pergunta ela, e isso lembra-me de que pedi ao Ben para me trazer *Fruity Pebbles*. Volto logo a enfiar-me na cama.

— Não, nada para mim. Obrigada.

— OK, volto num instante. — Ela pensa por momentos. — Na verdade, queres que eu fique por aqui, caso decidas ligar-lhe agora?

— Não, obrigada. Eu trato disso.

— Está bem. Se mudares de ideias...

— Obrigada.

A Ana sai e, quando ouço a porta fechar-se, percebo quão sozinha estou. Estou sozinha neste quarto, sozinha neste apartamento, mas, mais importante do que isso, estou sozinha nesta vida. Nem sequer consigo processá-lo. Levanto-me e pego no telefone. Vou buscar o número à porta do frigorífico e vejo um íman da *Georgie's Pizza*. Caio no chão, a bochecha encostada à tijoleira fria. Parece que não me consigo obrigar a levantar.

EM POUCOS MESES, ELES VIVERAM MAIS DO QUE MUITOS VIVEM NUMA VIDA INTEIRA

Num Dia de Ano Novo chuvoso, Elsie Porter vai buscar uma pizza para o jantar. No restaurante, conhece o encantador Ben Ross, e a química entre os dois é imediata e elétrica, o que faz com que ele não espere um dia sequer para a convidar para sair.

Em poucas semanas, estão perdidamente apaixonados. Em maio, casam-se em segredo.

Nove dias depois, Ben sai de casa de bicicleta para ir comprar cereais e sofre um grave acidente. Quando Elsie começa a estranhar a demora, vai à procura dele e ouve as sirenes, mas, ao chegar ao local, percebe que ele já está a ser levado para o hospital. Aí, será confrontada com a dura realidade e terá de enfrentar Susan, a sogra que nunca conheceu e que nem sequer sabia da sua existência.

Da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-5960-46-0



9 789895 960460